



profissionais de forma humanizada, além de possibilitar ao discente monitorar novas experiências na área e também despertar a vocação pela docência.

Conclusão

Dessa forma, é vista a necessidade da presença do monitor nas atividades práticas dentro da Maternidade, auxiliando assim os alunos a desenvolverem suas aptidões com maior autonomia, além de fornecer ao aluno-monitor novas vivências, com um olhar mais acurado sobre a prática da docência.

Referências

- ASSIS, F. et al. Programa de monitoria acadêmica: percepções de monitoria e orientadores. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2006 jul/set; 14(3):391-7.
- FRANCO, G. P. Uma experiência acadêmica como aluno-monitor da disciplina de morfologia: histologia e anatomia. **R. gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.19, n.1, p.66-68, jan. 1998.
- HAAGL, G.S.et al. Contribuições da monitoria no processo ensino-aprendizagem em enfermagem. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2008, mar-abr; 61(2): 215-20.

CONTRIBUIÇÕES E ENTRAVES DO PROJETO DE MONITORIA PARA A DISCIPLINA DE SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA DE ENFERMAGEM I

Bruno Neves da Silva¹

Paloma Karen Holanda Brito¹

Janaína Chiara Oliveira Moraes²



1. Discente de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande/UFCEG, campus Cajazeiras – PB, Brasil. E-mails: ufcgbruno@gmail.com; pah.karen@hotmail.com.
2. Mestre em Enfermagem. Professora da Unidade Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande/UFCEG, campus Cajazeiras – PB, Brasil. E-mail: janainechiara@hotmail.com.

Resumo

O objetivo deste trabalho é identificar as contribuições e os entraves do projeto de monitoria da disciplina de Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem I para o desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos nos alunos do curso de Bacharelado em Enfermagem. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, realizado com 20 discentes da UFCEG, campus Cajazeiras/PB, que frequentaram as monitorias desenvolvidas por dois monitores da referida disciplina. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas norteadas por um questionário semiestruturado, cujas respostas colhidas foram gravadas e analisadas segundo a Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Percebeu-se grande contribuição da monitoria para o processo de aprendizagem dos discentes, apontando-se como entraves o número reduzido de monitores, a pouca disponibilidade de horários, além da inadequada estrutura física do laboratório de habilidades que representam obstáculos para a realização das atividades de monitoria. Ao se buscar compreender a relevância da monitoria na visão dos alunos, bem como os pontos negativos vivenciados durante essa prática suscita-se a necessidade de pensar alternativas viáveis para manejo dos problemas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem a partir de uma prática que favorece a relação entre os discentes e propicia um maior diálogo docente-discente, a partir de um mediador representado pelo monitor.

Palavras-chave: Monitoria; Enfermagem; Ensino-aprendizagem.

Introdução

Dentre as modalidades de projetos oferecidos para os discentes nas Universidades (iniciação científica, iniciação à docência, extensão, etc.), encontra-se o projeto de monitoria, previsto no Artigo 41 da Lei nº 5.540 de 1968, que afirma que as Universidades devem criar as funções de monitores para os discentes em determinadas disciplinas, desde que estes se demonstrem aptos (BRASIL, 1968). Haag et al. (2008), traz que a monitoria é uma ferramenta pedagógica que visa dar suporte ao desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e aprofundamento destes a discentes interessados, para solucionar dificuldades relacionadas ao conteúdo abordado por uma disciplina.



As atividades desenvolvidas por um aluno monitor estão a critério do regimento interno do programa, que varia de acordo com cada instituição. Na Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), a monitoria é ofertada para alunos que estão regularmente matriculados em algum curso da instituição e estão no exercício de suas atividades acadêmicas, alegando dispor de 12 horas semanais para a realização das atividades, bem como ter integralizado, na própria instituição, a disciplina que será objeto de seleção e ter sido aprovado nesta com, no mínimo, nota 7,0, dentre outros critérios.

Para a disciplina Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I, na instituição supracitada, as atividades de monitoria são realizadas em laboratório, permitindo que os discentes pratiquem procedimentos de enfermagem relacionados à biossegurança, higiene e exame físico do paciente, contribuindo assim para o desenvolvimento do saber-fazer dos mesmos. A disciplina é ofertada para alunos do terceiro período do curso e possui carga horária total de 90 horas, contabilizando 6 créditos, e conta com aulas teóricas e aulas práticas também no âmbito hospitalar.

A monitoria é apontada por Fernandes et. al (2015), como uma perspectiva concreta de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, visto que promove uma qualificação do discente que se torna monitor de forma harmônica com o processo pedagógico do qual o discente se encontra cursando. O monitor constitui-se de um agente no processo ensino-aprendizagem que possui a capacidade de intensificar a relação entre aluno-professor-instituição; entretanto, muitas das vezes, esse papel acaba por ficar em segundo plano, visto que o monitor é, na maioria das vezes, procurado apenas para conferir trabalhos e esclarecer dúvidas de colegas (NATÁRIO e SANTOS, 2010). Acaba ocorrendo, então, um subaproveitamento do papel do monitor, que ao invés de intensificar essa relação aluno-professor-instituição, acaba atuando, em certo ponto, como “tutor pessoal” para esclarecimento de dúvidas e otimização de trabalhos. Por outro lado, estudos como o de Santos e Batista (2015), a monitoria contribui para que o discente monitor se desenvolva enquanto aluno, superando atitudes e posturas diante das diversas situações vividas na academia, e para que ele amplie suas possibilidades de se inserir nas experiências profissionais.

Dentre as funções de um monitor, de acordo com o programa de monitoria da UFCEG, estão as seguintes competências: executar atividades pedagógicas, condizentes com



seu grau de conhecimento e experiência, sob a orientação do professor; colaborar com o professor na realização de trabalhos teóricos, práticos e experimentais, na preparação de material didático e em atividades de classe e/ou laboratório; contribuir com o professor na orientação de alunos, esclarecendo e tirando dúvidas em atividades de classe e/ou laboratório.

Nessa perspectiva, o papel da monitoria mostra-se de suma importância, especialmente para as disciplinas teórico-práticas como a de Semiologia e Semiotécnica da Enfermagem I, pois propicia aos alunos um espaço para praticar o seu saber-fazer. Ademais, a carga horária da disciplina não permite que todos os discentes realizem ao mesmo tempo, um determinado procedimento nas aulas práticas, sendo a monitoria um campo que amplia as oportunidades de treinamento de técnicas e simulações de condutas, concorrendo para formação acadêmica relacionada à prática de enfermagem.

A ideia de elaborar este trabalho surgiu a partir das reflexões dos monitores da disciplina Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I acerca do desempenho dos discentes monitorados na avaliação prática da disciplina e nas aulas hospitalares, onde, através de observações própria, percebeu-se que os discentes que acompanhavam frequentemente as atividades desenvolvidas nas monitorias apresentavam melhor desempenho, obtendo um maior rendimento na disciplina, apresentando, inclusive, notas mais altas.

Diante o exposto, indaga-se: qual a visão dos discentes do curso de enfermagem acerca das contribuições e entraves do projeto de monitoria de semiologia e semiotécnica de enfermagem I para sua formação acadêmica e para o aperfeiçoamento de seus conhecimentos teórico-práticos? Buscando responder a esta questão condutora, propôs-se o desenvolvimento deste trabalho, que objetivou identificar as contribuições e os principais do projeto de monitoria da disciplina de Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I para o desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos nos alunos do curso de bacharelado em Enfermagem de um curso de Enfermagem da UFCEG.

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, onde o estudo exploratório-descritivo é aquele que tem como finalidade descrever, de forma completa, o objeto de estudo que está sendo pesquisado (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188); e a pesquisa qualitativa compreende “um conjunto de diferentes técnicas



interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996); sendo realizado na Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores (CFP), campus de Cajazeiras/PB, junto a 20 discentes do curso de bacharelado em Enfermagem, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter idade maior ou igual a 18 anos; participar ou ter participado com frequência das práticas de monitoria da disciplina de Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I; e ser aluno regularmente matriculado no 3º ou 4º período do curso de Enfermagem pelo contato recente com as atividades de monitoria desenvolvidas na disciplina considerada.

A coleta de dados foi realizada mediante entrevista direta, norteadas por um questionário semiestruturado, contendo perguntas sobre o perfil acadêmico dos alunos, bem como sobre a visão deste acerca do papel da monitoria para seu aprendizado e aperfeiçoamento de conhecimentos, desempenho na disciplina e formação profissional. Os discentes que concordaram em participar da pesquisa de maneira voluntária, responderam ao questionário individualmente após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O anonimato dos entrevistados foi mantido por aspectos éticos, sendo estes identificados pela letra E, seguida de um número arábico disposto de acordo com a ordem em que a fala do participante foi citada no decorrer do texto.

Todas as respostas foram gravadas em aparelho de MP3 e posteriormente transcritas e analisadas qualitativamente de acordo com a Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin, que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que tem como objetivo obter a descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011).

Desenvolvimento

Dos 20 discentes que participaram do estudo, 80% (n=16) foram do sexo feminino e 20% (n=4) do sexo masculino, sendo 40% (n=8) pertencentes ao terceiro período e 60% (n=12) ao quarto período do curso. A idade entre os participantes variou de 18 a 35 anos e a média de frequência nas monitorias foi de duas presenças semanais. 70%



(n=14) dos componentes da amostra residiam na cidade onde estudavam.

A predominância feminina na amostra pode ser explicada pela própria construção histórica da enfermagem. Nascendo a partir de ordens religiosas onde seu exercício era exercido por meio de caridade, a profissão está ligada ao papel da mãe, cuidadora por excelência (LOPES e LEAL, 2005).

No que se refere a abordagem temática, a totalidade da amostra afirmou que a monitoria contribuiu significativamente para sua aprendizagem, atuando como uma forma de aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Ademais, os participantes agregaram valor especialmente à monitoria de Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I, por ser esta a primeira disciplina do curso que envolve atividades hospitalares e avaliações práticas, vislumbrando conteúdos que norteiam grande parte do processo de trabalho em enfermagem, como se segue:

É muito importante porque só na aula você não vai ter tempo suficiente para praticar, e semiologia é base do nosso curso [...] e a gente só vai aprender se praticar, então é de extrema importância. (E1)

Além disso, um dos principais fatores apontados como contribuição da monitoria para a desenvoltura acadêmica dos alunos é justamente a oportunidade de se praticar determinados procedimentos que, em virtude da pouca demanda de tempo, é inviável a realização com o professor da disciplina, como pontuado abaixo:

[...] No dia das aulas práticas que a gente teve, eu praticamente não aprendi nada porque a professora não teve tempo, apesar da turma não ser muito grande, a aula era muito pequena para a gente poder, cada um, fazer... então, ela não podia dar atenção a todo mundo... na monitoria já era mais fácil de você fazer e repetir. (E1)

Neste sentido, identifica-se uma fragilidade no decorrer da realização das aulas práticas da própria disciplina, onde a grande quantidade de alunos e a carga horária reduzida da disciplina não permite supervisionar cada aluno na realização dos procedimentos práticos que compõem a ementa da mesma, tornando-se inviável que os alunos pratiquem na sala aula os procedimentos quantas vezes acharem necessário. Sendo assim, fica evidenciado o importante papel que a monitoria exerce nessas disciplinas com carga horária prática, visto que é através desta que são criadas possibilidades de um discente executar determinado procedimento até se sentir seguro.



Em um estudo realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por exemplo, resultados semelhantes foram observados, onde os professores da disciplina Fundamentos de Enfermagem I, encorajavam os alunos a participar das atividades de monitoria, pois eles perceberam que o tempo disponível nas aulas não era suficiente para os alunos aprimorarem suas técnicas (HAAG et al., 2008).

Outro fator positivo evidenciado pelos participantes com a condução da monitoria relaciona-se à forma segura e didática como os monitores revisam os conteúdos, em que a proximidade, o vínculo e a espontaneidade na interação aluno-aluno, possibilita o uso de uma linguagem mais familiar e “menos técnica”, o que torna o ensino-aprendizagem melhor compreendido, favorecendo sua assimilação:

[...] Na monitoria, o monitor vai ajudar a gente a compreender melhor e com uma linguagem mais fácil, vamos dizer assim; porque o professor... ele, às vezes, utiliza muitos termos técnicos, e o monitor, não... ele tem a linguagem do aluno. (E2)

Muitas vezes, o que a gente não consegue tirar dúvida na sala de aula, porque não lembra ou por ter vergonha de perguntar na frente de todo mundo, a gente pergunta ao monitor e ele explica de uma forma, às vezes, mais didática que o professor mesmo. (E3)

É neste contexto que o monitor, constituindo-se de um discente e, conseqüentemente, tendo uma relação menos formal e, por vezes, mais próxima dos outros discentes, é apontado como entendedor dos problemas que estes enfrentam com relação ao desenvolvimento de habilidades práticas, ou no desempenho na disciplina de forma geral, o que facilita a compreensão por parte dos monitores dos sentimentos gerados pelos alunos, podendo assim intervir com eles ou por eles junto ao orientador, visto o monitor já ter vivenciado situações semelhantes quando aluno da disciplina em questão (NATÁRIO e SANTOS, 2010).

Quando perguntado aos discentes como eles percebiam a relação entre a prática vivenciada nas monitorias em laboratório com a realidade experimentada no âmbito hospitalar, a grande maioria considera a existência de uma discrepância em ambos os contextos, sendo esta situação avaliada como consequência da escassez de recursos da saúde no país, em que muitas vezes o profissional/estudante aprende de uma maneira e quando se depara com a prática, tem que utilizar da criatividade para conseguir atender as



necessidades dos pacientes. Destacam-se as falas abaixo:

Totalmente diferente. A gente aprende uma coisa aqui tão... sei lá, cheia de técnica e quando você chega lá no hospital você se depara com uma coisa totalmente frustrante, dá vontade de você chorar quando você vê o hospital, quando você vê o que você tem no hospital [...] (E4)

Na monitoria a gente vê uma coisa, né? Porque no laboratório a gente vê tudo bem certinho, como realmente deveria acontecer... no hospital é bem diferente a visão do que a gente vê na sala de aula e na monitoria [...] porque nele o material é pouco. (E5)

Esses resultados vão de encontro aos já presentes em outros estudos. Em um estudo realizado com 68 graduandos em enfermagem, Oguisso et al. (2001), constaram que alguns desses estudantes perceberam um “abismo” entre a teoria que era vista em sala de aula, e a prática vivenciada na realidade do trabalho em Enfermagem. Mesmo tendo-se passado quinze anos desde a publicação deste estudo, publicações mais recentes abordam essa visão de discentes acerca dessa dicotomia entre teoria-prática: podemos citar, por exemplo, Andrade e Vieira (2005) e Costa e Miranda (2010).

Entretanto, alguns dos participantes apontaram que a própria participação na monitoria ajudou-os a se preparar para o que encontrariam no hospital, uma vez que os monitores já conheciam a realidade da prática que seria vivenciada por eles, e passavam orientações durante as atividades de monitoria, tornando, assim, a monitoria uma ferramenta facilitadora à medida que favorece essa troca de experiências a partir da interação entre discentes. Resultados semelhantes podem ser observados estudos como o de Haag et al., (2008), que apontou maior conhecimento, atuação e confiança em situações de estágio a partir da frequência nas atividades de monitoria. Isto pode ser evidenciado por algumas falas, como as seguintes:

Os monitores estão sempre tentando fazer com que aproxime-se ao máximo do que você pode encontrar quando você chega no hospital. (E6)

Nas monitorias, a gente já é preparado... a gente aprende a improvisar, pra quando chegarmos no hospital, o que não tiver de material necessário, a gente saber lidar com aquilo. (E7)

O plano de curso disciplina de Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I conta com avaliação prática em laboratório e em contexto hospitalar. A partir disto, alguns entrevistados colocaram que se sentiam receosos e apresentavam certa tensão em desenvolver estas atividades, visto que essa seria a primeira disciplina em que eles seriam



avaliados dessa forma, bem como prestariam assistência de enfermagem a um paciente, fora da instituição de ensino. A participação nas monitorias foi, então, apontada como uma prática que servia para aumentar a segurança antes das avaliações e aulas práticas hospitalares, diminuindo, de certa forma, o nervosismo, o que pode ser observado nas seguintes falas:

É importante ir na monitoria prática para gente ter noção do que acontece lá, e quando chegar no hospital, não ter tanto impacto. (E8)

Na monitoria você consegue ver quantas vezes for necessário aquele procedimento, até você se sentir seguro, para de fato realizar o procedimento. (E9)

Os principais entraves no projeto de monitoria de Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem I estavam muito relacionados à estrutura e à rotina de funcionamento onde as monitorias eram desenvolvidas: o laboratório de habilidades do CFP/UFCG. Alguns participantes expuseram que o laboratório não possuía estrutura suficiente para comportar a demanda de alunos nas monitorias, pois dispunha de pouco espaço físico para acomodar os discentes, sendo que a divisão da turma em subgrupos para assistir a monitoria também foi referida como um fator negativo, fato também observado no estudo de Haag et al., (2008). Esta questão laboratorial pode ser evidenciada pela seguinte fala:

O espaço, principalmente, que às vezes tem que dividir com outras turmas... a gente tem que, às vezes, dialogar com os monitores e no outro lado tem os outros monitores com outras salas e isso acaba prejudicando. (E10)

O horário de realização das monitorias também foi outro fator apontado como negativo. Devido aos monitores serem de turmas distintas dos seus monitorados e ambas as partes terem aulas em turno integral, os horários livres, muitas vezes, não coincidiam; por isso, boa parte das monitorias eram realizadas no turno da noite, o que, segundo os discentes, dificultava o acesso, principalmente para aqueles que não residem na cidade onde estudam. Podemos evidenciar esse fato, por exemplo, pela fala abaixo:

A questão do horário, principalmente para quem é de fora, porque as monitorias geralmente eram mais nos horários da noite e quem é de fora acaba sendo prejudicado. (E11)



Nessa perspectiva de o horário constituir um entrave para os alunos frequentarem a monitoria, os resultados mostram que, mesmo a maioria (70%) dos participantes que compõem a amostra residirem na cidade onde estudam, ainda assim, o acesso dos alunos é dificultado. Isto pode ser explicado por alguns motivos, dentre eles, o fato de, contando com um turno integral de aulas, a noite seria o turno que estaria disponível para estudos, descanso e realização de outras atividades, tanto acadêmicas quanto pessoais.

Outros estudos, apontam esta questão do horário como um entrave entre a interação de monitores e monitorados. Abreu et al. (2013), por exemplo, apontam que a carga horária do curso pode ser um dos obstáculos que dificultam os encontros de monitoria, ocasionando incompatibilidades; fato também observado em um estudo envolvendo 427 monitores do Programa de Monitoria Acadêmica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde os monitores que pertenciam a cursos de turno integral tinham mais dificuldades em cumprir suas cargas horárias (ASSIS, et al., 2006).

Ainda com relação aos pontos negativos identificados, os menos citados pelos participantes da pesquisa foram: o número reduzido de monitores, devido à disciplina contar com carga prática e ser necessário a presença destes no hospital, acompanhando os alunos junto com o professor e o fato de que o monitor só poderia abordar um determinado conteúdo na monitoria após o professor da disciplina tê-lo ministrado em sala de aula, o que, segundo um dos entrevistados fazia com que “as monitorias demorassem demais em determinados assuntos e fossem mais rápidas em outros”.

Dos participantes que compuseram a amostra, a média de frequência nas monitorias foi de 2 dias por semana. Cruzando esse resultado com o de que todos os entrevistados se consideraram satisfeitos com as atividades de monitoria, assim como consideram que estas contribuíram para a aprendizagem e aperfeiçoamento de conhecimentos, como já destacado, temos que as atividades de monitoria estão sendo conduzidas de maneira a cumprir com os seus objetivos e se estabelece como uma ferramenta facilitadora do aprendizado, visto que, mesmo com uma participação semanal pequena, os discentes apontaram estes resultados destacados anteriormente.

Este resultado não condiz com os encontrados por Silva e Belo (2012), por exemplo. Em uma pesquisa com um monitor que acompanhou algumas turmas de cursos



superiores da Universidade Federal de Alagoas, encontrou uma desvalorização da figura deste, que, mesmo após ter adotado estratégias para superar os entraves existentes no decorrer das monitorias, não obteve sucesso, o que evidenciou uma visão irrelevante por parte dos alunos acerca do papel da monitoria (SILVA e BELO, 2012).

Em contrapartida, outros diversos estudos, citam a monitoria acadêmica como uma ferramenta capaz de contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem, aproximar o discente do papel de docente, bem como para aperfeiçoar seus conhecimentos teórico-práticos, o que pode ser evidenciados por estudos como os de Magalhães, Januário e Maia (2014), Santos e Batista (2015), Assis et al, (2006), Natário e Santos (2010), dentre outras publicações, que comprovam a importância do papel do monitor para a formação acadêmica.

Considerações

Através do estudo realizado foi possível perceber a relevância das práticas de monitoria, especialmente na disciplina de Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem I, segundo a visão dos discentes, por mostrar-se como um espaço favorável ao desenvolvimento e aprimoramento de habilidades e técnicas aprendidas em sala, visto que a aula ministrada pelo professor, muitas vezes não é suficiente para sanar as dúvidas e promover a assimilação de todos os conteúdos aplicados.

Ao buscar as contribuições e os entraves do projeto de monitoria para vida acadêmica dos discentes de Enfermagem, evidenciou-se, mediante as falas dos sujeitos da pesquisa, o sentimento de satisfação com a vivência e conhecimentos adquiridos. Entretanto, o número reduzido de monitores, a estrutura laboratorial e os poucos horários disponíveis para monitoria foram apontados como pontos negativos que necessitam serem revistos para se pensar em alternativas viáveis para manejo dos problemas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem a partir de uma prática que favorece a relação entre os discentes e propicia um maior diálogo do discente, a partir de um mediador, representado pelo monitor.



Referências

ABREU, T. O; et al. A monitoria acadêmica na percepção dos graduandos de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**. Rio de Janeiro. v. 22, n. 5, p. 507-12, 2014.

ASSIS, F.; et al. Programa de monitoria acadêmica: percepções de Monitores e orientadores. **Revista de Enfermagem da UERJ**. Rio de Janeiro. v.14, n. 3, p. 391-7, 2006.

ANDRADE, J. S.; VIEIRA, M. J. Prática assistencial de enfermagem: problemas, perspectivas e necessidade de sistematização. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 58, n. 3, p. 261-5, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70; 2011.

BRASIL. **Lei nº 5. 540 de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, 1968. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 19 mar. 2016.

COSTA, R. K. S.; MIRANDA, F. A. N. Opinião do graduando de enfermagem sobre a forma do enfermeiro para o sus: uma análise da FAEN/UERN. **Escola Ana Nery Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro. v. 14, n. 1, p. 39-47, 2010.

FERNANDES, N. C.; et al. Monitoria acadêmica e o cuidado da pessoa com estomia: relato de experiência. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte. v. 19, n. 2, p. 238-241, 2015.

HAAG, G. S.; et al. Contribuições da monitoria no processo ensino-aprendizagem em enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília. v. 61, n. 2, p. 215-20, 2008.
LOPES, M.J.M.; LEAL, S.M.C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos Pagu**. São Paulo, n. 24, p. 105-125, 2005.

MAGALHÃES, L.D.; JANUÁRIO, I.J.; MAIA, A.K.F. A monitoria acadêmica da disciplina de cuidados críticos para a enfermagem: um relato de experiência. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Minas Gerais. v. 12, n. 2, p. 556-565, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NATÁRIO, Elisete. Gomes; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Programa de monitores para o ensino superior. **Estudos de Psicologia**. São Paulo. v. 27, n.3, p. 355-364, 2010.



NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo. v. 1, n. 3, 1996.

OGUISSO, Taka. et al. Enfermagem: idealismo x realismo perspectivas de formandos do curso de graduação de enfermagem sobre a profissão de enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo. v. 35, n.3, p. 271-81, 2001.

SANTOS, G. M.; BATISTA, S. H. S. S. Monitoria acadêmica em formação em/para saúde: desafios e possibilidades no âmbito de um currículo interprofissional em saúde. **ABCS Health Sciences**. São Paulo. v. 40, n. 3, p. 203-207, 2015.

SILVA, R.N.; BELO, M.L.M. Experiências e reflexões de monitoria: contribuição ao ensino-aprendizagem. **Scientia Plena**. Sergipe. v. 8, n. 7, 2012.

Cajazeiras, 23 de novembro de 2016

IVANALDA DANTAS NÓBREGA DI LORENZO
Profª Adjunta UNAGEO/CFP/UFCG
Assessoria de Graduação CFP/UFCG